

---

## **A Identidade Interiorana em Constante Formação: Uma Análise da série *Virgin River* a Partir dos Estudos Culturais<sup>1</sup>**

**Paula Beatriz Coelho Domingos FARIA<sup>2</sup>**

**IF Sudeste MG, Juiz de Fora, MG**

### **Resumo**

O presente trabalho faz uma análise da ambientação e da comunidade interiorana retratadas no desenvolvimento da série *Virgin River*, da Netflix, a partir da noção de identidades em constante processo de formação apresentada pelos Estudos Culturais. A série, lançada em 2019, mantém a mesma tipificação de conflitos comuns em inúmeros outros dramas/romances, mas inova por enfatizar os costumes e valores locais como chaves para a solução desses conflitos. Assim, o artigo se propõe a entender como se dá a inserção e a integração dos personagens vindos de outras localidades na comunidade da pequena cidade.

### **Palavras-chave**

Ficção seriada; *Virgin River*; Identidade interiorana; Estudos culturais.

### **Introdução**

*Virgin River* é uma série de romance e drama baseada nos livros escritos por Robyn Carr cuja primeira temporada foi lançada pela Netflix em dezembro de 2019. A segunda e a terceira temporadas foram disponibilizadas a partir de novembro de 2020 e julho de 2021, respectivamente. Já existe a confirmação de uma quarta temporada, que deve ficar disponível em meados de 2022.

A protagonista da trama é Mel Monroe (Alexandra Breckenridge), uma enfermeira e parteira que se muda de Los Angeles para *Virgin River*, uma pequena cidade no norte da Califórnia. Seu objetivo é superar um trauma e promover um recomeço em sua vida profissional.

Mas, ao chegar ao vilarejo, os planos de Mel de esquecer o passado e retomar sua vida em um lugar tranquilo e bucólico mostram-se mais complicados do que o esperado. A casa que o anúncio de emprego prometia como moradia para a pessoa que aceitasse o cargo de enfermeira está praticamente inabitável e o médico com quem ela vai trabalhar está insatisfeito com sua chegada.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestra em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora, na linha de pesquisa Comunicação e Identidades, pós-graduada em TV, Cinema e Mídias Digitais e graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela mesma universidade. Graduada em Publicidade e Propaganda pelo Centro Universitário Estácio de Sá de Juiz de Fora. Graduada em Letras pela Universidade Estácio de Sá. E-mail: paulabdfaria@gmail.com.

---

Além disso, Mel conhece Jack Sheridan (Martin Henderson), o dono do único bar da cidade, que era fuzileiro naval e agora luta contra o transtorno de estresse pós-traumático. Desde o início da trama, fica claro o envolvimento romântico entre os dois, mas Mel ainda lida com o luto pela morte do marido e Jack mantém um romance casual com Charmaine (Lauren Hammersley).

O foco principal da narrativa é o envolvimento entre Mel e Jack, porém, como o próprio título da série dá a entender, o cenário do desenvolvimento desse romance tem um papel fundamental no enredo. Pode-se dizer que a grande premissa de *Virgin River* é a valorização da paisagem interiorana e das relações amigáveis que se estabelecem em um local em que todos conhecem e se importam com todos.

Assim, o vilarejo de *Virgin River* é o lugar acolhedor que recebe pessoas como Mel, e Jack, mas também Preacher (John Middleton) - um amigo próximo de Jack que trabalha com ele no bar e também foi fuzileiro -, Paige (Lexa Doig) – que se refugia na pequena cidade com o filho usando um nome falso para fugir do ex-marido violento – e Lizzie (Sara Dugdale) – uma jovem problemática que não se dá bem com os pais e passa a viver em *Virgin River* com sua tia Connie (Nicola Cavendish).

Logo nos primeiros episódios, alguns personagens questionam a decisão de Mel de abandonar uma carreira bem-sucedida em Los Angeles para viver em um vilarejo tão pacato. A protagonista chega a cogitar o retorno à sua cidade de origem quando se depara com os primeiros problemas que precisará enfrentar ao longo de sua jornada, mas seu envolvimento com Jack e com a cidade a fazem permanecer ali.

Apresentado este contexto sobre o enredo da série, é hora de falar sobre a análise proposta neste artigo. São raras as produções seriadas de grande sucesso e alcance que se passam em cidades interioranas e *Virgin River* assume essa missão apresentando o vilarejo como um lugar perfeito para recomeços e reflexões, mas também cheio dos mesmos dramas e conflitos cotidianos que também estão presentes nas obras audiovisuais ambientadas nos grandes centros.

Nesse contexto, o enredo gira em torno do romance dos protagonistas, assumindo uma apresentação que poderia ser comparada às telenovelas brasileiras e também a tantas outras séries, com foco nos relacionamentos amorosos, ganchos ao fim dos episódios e muitos dramas pessoais.

Contudo, o foco na trajetória de Mel não poderia ser desenvolvido da mesma maneira caso o enredo se passasse em uma grande cidade. A comunidade interiorana e a

solidariedade de todos são peças fundamentais na trajetória da protagonista. Além disso, há que se considerar também as paisagens bucólicas, ambientes que se enquadram perfeitamente no contexto de reflexão e reconstrução da vida da protagonista e com a ideia de um romance delicado e profundo.

Por outro lado, é importante considerar também que os principais personagens da série não são nativos do vilarejo. Eles vieram de outros lugares em busca de recomeços. Mas, a não ser pelos questionamentos feitos a Mel sobre sua decisão de mudar de cidade, não há uma comparação constante entre o interior e os grandes centros ou uma oposição entre os comportamentos dos personagens que formam a comunidade de *Virgin River* originalmente e os que passam a fazer parte dela.

Em outras palavras, ainda que fique clara uma exaltação aos valores como a solidariedade e o senso de pertencimento e sua associação com a paisagem interiorana, não existe na série uma tentativa de colocar esses valores como opostos aos existentes em grandes centros. Assim, personagens como Mel e Jack não enfrentam dificuldades para se adequarem à rotina local e não há julgamento dos demais personagens em relação ao seu comportamento por terem vindo de outras cidades.

Todo esse contexto é condizente com a linha de pensamento dos Estudos Culturais Britânicos relacionada à constituição das identidades contemporâneas, que será abordada no próximo tópico.

### **A integração dos protagonistas de *Virgin River* à identidade interiorana**

Os Estudos Culturais consideram a identidade um fenômeno simbólico consequente das relações sociais cotidianas e das discursividades presentes nestas relações. Stuart Hall (2006) fala de um declínio das antigas identidades, do surgimento de novas identidades fragmentadas e de um sujeito que era, supostamente, unificado e agora passa por uma crise identitária. Ele acredita que o processo pelo qual estamos passando na pós-modernidade é muito amplo e tem abalado as referências de uma visão estável do mundo social.

A ideia das identidades em colapso presume a fragmentação da paisagem cultural de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que tem consequências sobre as identidades pessoais, pois muda a visão que temos de nós

---

próprios, o que é classificado por Stuart Hall (2006) como a perda do sentido de si, ou seja, um deslocamento do sujeito do mundo social e de si mesmo.

Quando a protagonista de *Virgin River* precisa lidar com o luto e resolve recomeçar sua vida em uma cidade completamente diferente do local onde vivia até então, sua identidade se fragmenta e ela assume uma nova postura pessoal, mas sem se desligar de tudo o que já viveu. Ela não tem dificuldades para ser aceita e acolhida pela nova comunidade onde passa a viver porque se identifica com os valores ali cultivados, mas acumula traços também da vida que levava antes do momento em que a série se inicia.

O mesmo ocorre com os demais personagens vindos de fora do pequeno vilarejo, que cultivam os hábitos e comportamentos tidos como tradicionais ou locais, mas integra esses novos membros à comunidade sem que haja grandes conflitos. A personagem que tem mais dificuldades para se adaptar é Lizzie, mas mesmo assim ela se integra bem à comunidade local a partir de seu envolvimento com um rapaz do vilarejo e a amizade estabelecida com outras pessoas, como o doutor Vernon Mullins, o Doc (Tim Matheson).

Kellner (2001) fala da interpretação do "pós-moderno" como uma tendência cultural que se opõe aos valores e comportamentos tradicionais, mas também levanta a possibilidade de se interpretar a pós-modernidade como a coexistência ou mistura de estilos e formas culturais tradicionais, modernas e pós-moderna, fator que nos permite aproximar seu pensamento com a ideia do sujeito pós-moderno proposto por Hall (2006).

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais "lá fora" e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as "necessidades" objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático (HALL, 2006, p. 12).

Assim, podemos entender que a identidade interiorana presente em *Virgin River* retrata essa coexistência ou mistura de comportamentos e não uma oposição entre o tradicional e o dito pós-moderno. Mas a mistura, nesse caso, não tem nada de homogênea e o conflito entre diferentes visões existe em situações como, por exemplo, quando Connie (Nicola Cavendish) não aceita o fato de Mel recomendar o uso de anticoncepcionais a sua jovem sobrinha. Nesse contexto, Connie representa uma visão tradicionalista e conservadora quando não aceita o fato de Lizzie ter uma vida sexual

---

ainda tão jovem, em sua visão. Mel, por outro lado, como enfermeira vinda de uma grande cidade, representa uma realidade mais cosmopolita ou pós-moderna.

Mas, no geral, os valores que são apresentados e defendidos claramente pela série, como a solidariedade, a amizade e o apoio mútuo, vencem esse tipo de conflito e prevalece a união e não a oposição entre os componentes da comunidade.

De acordo com Woodward (2009), as diferentes identidades que assumimos podem entrar em conflito: "Podemos viver, em nossas vidas pessoais, tensões entre nossas diferentes identidades quando aquilo que é exigido por uma identidade interfere com as exigências de uma outra." (WOODWARD, 2009, p. 31-32).

Conforme Kellner (2001), a identidade se forma em um terreno de luta, no qual os sujeitos fazem escolhas referentes a seus próprios significados culturais e estilos, em um processo que implica na afirmação de determinados pilares identitários em detrimento de outros. Trata-se de um movimento constante, já que, como sabemos, identidades diferentes podem ser assumidas em diferentes situações e momentos da vida do sujeito.

A visão dos Estudos Culturais mostra que as identidades estão sempre sendo formadas, são sempre incompletas. Para Hall (2006), as sociedades modernas são definitivamente sociedades de mudança constante. Segundo ele é este traço que diferencia as sociedades ditas "tradicionais" daquelas consideradas modernas. Baseado no pensamento de Laclau (1990), o autor evoca o conceito de deslocamento para retratar as sociedades modernas: como as estruturas deslocadas, que têm seu centro deslocado sem que seja substituído por um outro, as sociedades modernas não possuem nenhum princípio articulador único e não são desenvolvidas conforme o desdobramento de uma única causa ou lei. Ele ressalta que a sociedade não é um todo unificado e bem delimitado. Ao contrário, é descentrada por forças fora de si mesma.

É por isso que os raros conflitos entre o tradicional e o moderno ou entre o interiorano e o metropolitano em *Virgin River* não se resolvem exatamente com a prevalência de uma das duas visões de mundo sobre a outra. Há sempre uma espécie de negociação ou trégua. E esse princípio condiz com a ideia das identidades em constante formação.

Ao falar das tensões entre o global e o local, Hall afirma que é preferível que se pense em novas articulações entre estes dois polos, e não no primeiro como substituto do segundo. Assim, faz sentido a receptividade dos moradores de *Virgin River* com os

---

personagens que chegam de outras cidades e a integração destes últimos ao cotidiano local sem grandes dificuldades.

Para o autor, a globalização caminha conjuntamente com o reforço das identidades locais, é um processo desigual e retém alguns aspectos da dominação global ocidental, o que pode ser visto através do fenômeno da migração, tão comum entre as comunidades interioranas devido, por exemplo, à mecanização da agricultura e à busca por melhores condições de vida nas grandes cidades.

O que ocorre na série *Virgin River*, porém, é o contrário dessa migração. Os personagens detentores dos principais conflitos da trama fazem o caminho inverso: saem do ambiente das grandes cidades para recomeçarem sua vida de forma mais simples e serena em um pequeno vilarejo. Nesse contexto, a série poderia facilmente se centrar nos conflitos entre as diferentes visões de mundo, mas opta pelo reforço das identidades locais citado por Hall sem opô-las a uma identidade possivelmente globalizada.

A visão de Stuart Hall é compartilhada por Canclini (2007), que não acredita na necessidade de se fazer uma opção entre defender uma identidade ou se globalizar. Para ele, os estudos que melhor esclarecem o processo da globalização não são os que buscam uma revisão das questões identitárias isoladas, e sim os que possibilitam a compreensão daquilo que se pode ser e fazer com os outros ou de como se pode encarar a heterogeneidade, a desigualdade e a diferença.

Podemos, a partir destes pensamentos sobre o local e o global, interpretar o destaque dado à identidade interiorana apresentada em *Virgin River* sem que haja uma necessidade de oposição ou conflito em relação a uma suposta identidade metropolitana. Mel passa a ser querida entre os moradores da cidade e seu conflito inicial com o doutor Vernon Mullins tem mais a ver com a dificuldade dele de delegar tarefas a quem quer que seja do que com a origem de Mel ou o fato de ela não pertencer, inicialmente, à comunidade local.

Representantes do Interacionismo Simbólico, Berger e Luckmann (2007) apontam o hábito como uma ação que se repete e se molda em um padrão característico da vida cotidiana, como os tipos de representações sociais expostos nas séries de grande sucesso. Para os autores, a cotidianidade é uma realidade interpretada pelas pessoas, subjetivamente dotada de sentido por apresentar um mundo considerado coerente. Quando há uma tipificação recíproca de um hábito por tipos de atores acontece o que os

---

autores chamam de institucionalização, que estabelece padrões de conduta e implica em controle e historicidade.

Trazendo estes conceitos para os estudos sobre a cultura da mídia, esta pode ser vista como uma instituição da atualidade, que estabelece, por meio de suas representações, os padrões de conduta. Conforme o pensamento dos autores, são os indivíduos com suas localizações sociais e interesses concretos que legitimam as instituições e os universos simbólicos, entre eles, podemos incluir na atualidade a televisão e os serviços de streaming com sua ficção seriada.

Assim, o público é quem legitima a ideia de uma comunidade interiorana acolhedora e cheia de valores tradicionalistas que não se opõem à cultura dos grandes centros, mas se apresenta como uma alternativa viável para pessoas que precisam recomeçar suas vidas ou passar por um tempo de reflexão para o enfrentamento dos próprios conflitos.

Quando uma determinada ação é institucionalizada ela também está submetida ao controle social, cujos mecanismos são necessários nos processos de historicização e objetivação das instituições. Uma vez concebidas, as instituições tendem a perdurar, porém isso não significa que este seja um processo irreversível. Os mundos sociais são totalmente passíveis de modificação, não sendo, de forma alguma, estáticos. Eles, como afirmam veementemente os autores, estão sujeitos à intervenção dos homens, e sua mudança ou “complexificação” ocorre de acordo com o surgimento de formas mais complexas de conhecimento, visão que conversa com o conceito de identidade dos Estudos Culturais. Assim, não consideramos definitivas as prioridades da representação midiática, no que se refere à cultura interiorana.

Stuart Hall (2006) afirma que as sociedades da modernidade tardia possuem a diferença como característica e são atravessadas por antagonismos sociais que produzem diferentes “posições de sujeito” ou, simplesmente, identidades. Sendo assim, estas sociedades não se desintegram porque seus diferentes elementos e identidades podem, dentro de determinadas circunstâncias, ser articulados conjuntamente, ainda que esta articulação seja sempre parcial. Ou seja, estas sociedades permanecem até certo ponto coesas porque a estrutura da identidade permanece aberta e não devido a uma suposta unicidade ou homogeneidade.

Para Canclini (2008, p.105), “a coesão das culturas nacionais e urbanas foi gerada e sustentada, em parte, graças ao fato de as artes cultas e populares proporcionarem



---

iconografias particulares como expressão de identidades locais". De acordo com o autor, os repertórios folclóricos locais não desaparecem, tanto quando se pensa naqueles ligados às artes cultas quanto às populares. Contudo, seu peso diminui num contexto em que as culturas eletrônicas transnacionais são hegemônicas, a vida social urbana passa a acontecer nos centros comerciais em detrimento dos centros históricos e os passeios deixam de acontecer nos parques, se deslocando para os shoppings.

A pesquisa feita por Canclini (2008) nos leva à conclusão de que, anteriormente, uma estratégia unificadora mantinha a ideia das diferenças culturais entre as cidades de um mesmo país como modos particulares dentro de um "ser nacional" comum, ou seja, as diferenças, por exemplo, entre paulistanos e cariocas eram interessantes para o folclore ou o humor regional, mas quase não se colocava em dúvida a ideia de que a briga entre irmãos era contida pela profunda unidade nacional.

No entanto, de acordo com o antropólogo, o simulacro das monoidentidades se tornou inverossímil e explodiu mais visivelmente nas grandes cidades a partir da segunda metade do século XX. O autor compara a composição das cidades à de um videoclipe por funcionar como "uma montagem efervescente de imagens descontínuas" (CANCLINI, 2008, p. 122). E, por que essa montagem não poderia se estender também ao ambiente interiorano? Esse é um dos questionamentos que pode ser colocado a partir da análise da ambientação e da formação da comunidade de *Virgin River*.

Devido à migração do interior para as grandes cidades que ocorreu em diversos países da América, a descontinuidade similar a um videoclipe ficou muito visível nos grandes centros. Mas, como o próprio autor defende, paralelamente ao avanço da globalização há também um reforço das identidades locais. Assim, ao mesmo tempo que fica claro para o público de *Virgin River* que a série ressalta os valores interioranos e a ideia de uma comunidade coesa e solidária, também se evidenciam a facilidade de integração de novos membros a essa comunidade e a consequente heterogeneidade de visões e comportamentos.

Canclini (2008) cita o exemplo dos nordestinos, mineiros e gaúchos que vivem em São Paulo, já que vários estudos têm colocado em evidência a heterogeneidade da população paulistana. Conforme sua visão, mesmo que a metrópole crie padrões uniformes e remodele os hábitos locais subordinando-os a estilos "modernos" de trabalhar, se vestir e se distrair, a homogeneização do consumo e da sociabilidade não determina o fim das particularidades. Em outras palavras, os migrantes reproduzem nas



---

idades em que se estabelecem marcas étnicas de sua cultura de origem. De acordo com Canclini, o próprio é mais intensamente construído através do que é imaginado sobre os outros quando se pensa numa época globalizadora, ou seja, a constituição das cidades está relacionada não só ao que acontece em seus territórios, mas também passa pela maneira como migrantes, turistas, mensagens e bens de outras localidades a atravessam.

O autor, como antropólogo, afirma não objetivar somente a compreensão de como as pessoas conciliam a velocidade da cidade globalizada e o ritmo mais lento de um território interiorano. Ele assume também a tarefa de explicar de que maneira uma maior comunicação e racionalidade aparentes da globalização resultam em novas formas de racismo e exclusão. Segundo seu pensamento, os antropólogos não podem se contentar com a apologia da diferença diante das reações fundamentalistas crescentes nas grandes cidades atualmente. Sendo assim, o pesquisador busca imaginar formas de fazer com que o uso da informação internacional e a necessidade de se estar arraigado ao local coexistam sem as hierarquias discriminatórias, resultando num multiculturalismo democrático e inteligente.

Estaria esta ausência de hierarquias presente em *Virgin River*? O comportamento dos diferentes personagens da série não evidencia a sobreposição de uma visão de mundo sobre outra e sim uma integração em maior ou menor grau. Porém, sendo a protagonista uma representante de uma cultura tida como hegemônica não seria mesmo mais fácil a sua integração dada a sua posição privilegiada? Se a ambientação e o contexto da série fossem outros, com um personagem do pequeno vilarejo se mudando para Los Angeles, seria ele tão facilmente integrado e aceito como Mel foi em *Virgin River*?

É importante que tenhamos em mente a ideia das relações de poder envolvidas nos processos relacionados a identidade, diferença e hibridização. Conforme Silva (2009), a identidade híbrida não é integralmente nenhuma das identidades originais, o que confunde a suposta pureza das diferentes identidades nacionais, raciais ou étnicas. Além disso, a hibridização ocorre, ressalta o autor, entre identidades posicionadas assimetricamente em relação ao poder, podendo nascer de relações conflituosas entre diferentes grupos, o que caracteriza uma hibridização forçada.

Para o autor, o hibridismo está ligado aos movimentos demográficos que possibilitam contatos entre identidades diversas. Porém, como sabemos, os movimentos demográficos não promovem hibridizações equilibradas, já que quase sempre existe a preponderância dos padrões da classe ou lugar cuja cultura é dominante.

---

De acordo com Hall (2003) não existe uma relação fixa entre tradição e modernidade. Nas comunidades de minoria étnica há indivíduos que se mantêm comprometidos com as práticas e valores "tradicionais", enquanto para outros as identificações tradicionais são intensificadas por fatores diversos, como a hostilidade da comunidade que os hospeda, o racismo e as mudanças nas condições de vida mundiais. Há ainda os indivíduos para quem a hibridização está muito avançada, mas não em um sentido assimilacionista. "Em condições diaspóricas, as pessoas geralmente são obrigadas a adotar posições de identificação deslocadas, múltiplas e hifenizadas" (HALL, 2003, p. 72). Conforme o autor, no Quarto Censo Nacional de Minorias Étnicas, cerca de dois terços dos indivíduos oriundos de comunidades minoritárias, sentiam que não havia conflito algum, por exemplo, em se considerar britânico e também paquistanês.

Em *Virgin River*, como sabemos, ocorre o oposto do que ocorreu, por exemplo, no êxodo rural. A protagonista bem-sucedida e respeitada representa uma cultura que pode ser considerada dominante. Assim, o melhor para a comunidade de *Virgin River* seria mesmo integrá-la o mais rápido possível, dada a necessidade de sua ajuda, já que a cidade conta com apenas um médico para cuidar da saúde de toda a população. O mesmo ocorre com Jack: a possibilidade de abertura de um bar representa uma comodidade com a qual a comunidade local não contava. Então, sua contribuição é muito bem-vinda. O mesmo não ocorreria caso os protagonistas fizessem o deslocamento contrário, do interior para uma grande cidade.

Os protagonistas de *Virgin River* certamente não representam a existência de um conflito, mas não são obrigados a adotar os comportamentos assumidos por uma necessidade de aceitação. Pelo contrário, o senso de solidariedade e comunidade unida parece já fazer parte dos valores de Mel e Jack, até mesmo por conta da sua satisfação com as respectivas profissões, que permitem a eles o contato constante com variados representantes da comunidade.

Por outro lado, é possível a interpretação da vida que se leva no fictício vilarejo de *Virgin River* como a manifestação de uma possível sabedoria interiorana. Daí a ideia de que a pequena cidade é o lugar perfeito para a reconstrução ou o recomeço de uma vida, com a valorização do que realmente é essencial. Nesse contexto, Mel precisa da comunidade de *Virgin River* tanto quanto a comunidade precisa dela.

Raymond Williams, em seu livro intitulado "O campo e a cidade: na história e na literatura", ressalta o poder das palavras "campo" e "cidade". Ele lembra que o termo

---

inglês "country" pode significar "país" ou "campo", ou seja, podemos, com ele, nos referir a toda a sociedade ou somente a sua parte rural. "Na longa história das comunidades humanas, sempre esteve bem evidente essa ligação entre a terra da qual todos nós, direta ou indiretamente, extraímos nossa subsistência, e as realizações da sociedade humana" (WILLIAMS, 2011, p. 11). Para o pesquisador, a própria cidade é uma destas realizações.

Ele enumera as atitudes emocionais que se cristalizaram em torno do campo e da cidade: o campo é associado à vida natural, à paz e à virtude simples, enquanto a cidade é vista como o centro das realizações e é associada ao saber, às comunicações e à luz. Por outro lado, há também as associações negativas, que ligam o campo às ideias de atraso, limitação e ignorância, e a cidade ao barulho, à ambição e à mundanidade. O autor tenta compreender estas cristalizações, no contexto da realidade inglesa, por meio da análise de obras literárias.

Em *Virgin River* ficam claras as retratações de algumas dessas cristalizações: a paz e a virtude simples estão associadas à vida que se leva no vilarejo, além da valorização de uma vida natural, com destaque para os costumes da caça e da pesca, além das atividades físicas praticadas ao ar livre pelos personagens.

Por outro lado, há que se observar que não existem associações negativas ligadas a Los Angeles, local de origem da protagonista. Pelo contrário, há uma associação positiva quando a irmã dela, por exemplo, questiona sua decisão de abandonar a vida no grande centro, onde ela era bem-sucedida e estava próxima à família. Além disso, podemos destacar a necessidade que a comunidade de *Virgin River* tem da presença de uma enfermeira, ou seja, do conhecimento e o saber associados à protagonista, representante de uma região metropolitana.

De acordo com Williams, campo e cidade são realidades históricas em constante transformação, em si próprias e em suas inter-relações. Para ele, há uma experiência social concreta do campo, da cidade e de muitas outras organizações sociais e físicas intermediárias. Contudo, ainda têm muita força as imagens que opõem campo e cidade. O dualismo é uma forma de adquirirmos consciência de uma parte fundamental de nossa experiência e das crises de nossa sociedade. Por outro lado, esta situação origina uma tendência ao reducionismo da variedade histórica de possíveis formas de interpretação a símbolos e arquétipos.

A realidade histórica mostra que campo e cidade podem aparecer sob diversas formas e práticas, difíceis de serem generalizadas. O autor analisa as interpretações da

---

literatura inglesa e do pensamento social a respeito da vida urbana e da vida campestre, que são tão frequentemente vistas a partir de seus contrastes. Ele critica esta divisão, pois, conforme seu raciocínio, ela reduz a totalidade das representações sociais a padrões pré-estabelecidos, o que exclui uma grande parcela dos sujeitos ou da sociedade abordada. Segundo Williams, o pensamento do contraste entre campo e cidade não admite organizações sociais intermediárias.

Essa visão de Williams é abordada no presente trabalho com o intuito de evitar um dualismo reducionista a respeito das culturas interioranas e metropolitanas e também de compreender em que medida a ambientação de *Virgin River* pode ser considerada um ambiente de convivência harmoniosa entre representantes de diferentes culturas. Mas, é evidente o papel esclarecedor do dualismo quando se pensa nas poucas obras de ficção seriada realistas ambientadas em pequenas cidades que têm o potencial de alcance de um grande público. Daí o entendimento imediato do principal diferencial de *Virgin River* em relação a outras séries que estrearam no mesmo período.

O autor destaca três vertentes da retratação do campo nas obras literárias por ele analisadas: a persistência do romance regionalista, o progresso dos sentimentos relacionados à terra e à vegetação natural, e as memórias e descrições da vida rural, que revelam uma ideia de perda do passado. Conforme o autor, na época em que desenvolvia esta pesquisa (década de 1970), as visões relacionadas ao campo se baseavam numa imagem do passado enquanto as da cidade se ancoravam numa ideia de futuro. Ele considera esta perspectiva limitante, pois, se ligarmos a ideia de campo ao retrocesso e a de cidade ao progresso, o presente passa a ser uma lacuna.

Procurando essas três vertentes em *Virgin River*, podemos compreender que o romance regionalista não é tão evidente quando se pensa na importância da origem local dos personagens para a caracterização dessa vertente. Mel e Jack não são integrantes originais da comunidade de *Virgin River*, ainda que sejam plenamente aceitos e queridos pela comunidade, contribuindo para o progresso e o equilíbrio dela. Além disso, os conflitos enfrentados pelo casal protagonista não se associam em nada ao ambiente em que vivem. Pelo contrário, representam o mesmo tipo de conflito vivido por personagens de outras obras de ficção ambientadas em diversos outros locais.

A diferença está nas soluções encontrada para estes conflitos: elas sempre estão ligadas aos valores defendidos pela série, como a simplicidade da vida interiorana e de seus modos de pensar, a prevalência da solidariedade e a ideia de valorização do que

---

“realmente importa”, como se o ambiente local favorecesse o desenvolvimento de uma visão mais clara sobre a solução ideal para cada conflito.

Já a vertente dos sentimentos relacionados à terra é manifestada constantemente nos episódios da série. As belezas naturais do vilarejo fictício são sempre destacadas, sobretudo com os comentários dos protagonistas. Essa visão também é retratada nos episódios em que ocorrem os eventos locais, considerados tradicionais pela comunidade, que sempre são realizados ao ar livre.

Por fim, a ideia de perda do passado não se evidencia na série. Pelo contrário, há um entendimento implícito de que *Virgin River* é um lugarejo que não se rende a uma suposta modernidade, apesar de integrá-la. Ou seja, os valores fundamentais e o estilo de vida local estão intactos. Não há perda alguma, somente ganhos com a integração de novos componentes à comunidade.

Hall (2003) destaca a importância da tradição quando se fala de cultura. Para ele, a tradição está relacionada com a associação e a articulação de diferentes elementos e não é a mera persistência das velhas formas. Os arranjos em questão não detêm uma posição fixa ou algum significado que possa ser arrastado no fluxo da tradição histórica. Pelo contrário, os elementos da tradição podem se articular a diversas práticas e posições e assumir novos significados e uma nova relevância. "O perigo surge porque tendemos a pensar as formas culturais como algo inteiro e coerente: ou inteiramente corrompidas ou inteiramente autênticas, enquanto que elas são profundamente contraditórias, jogam com as contradições, em especial quando funcionam no domínio do 'popular'" (HALL, 2003, p. 239).

Canclini (2008) detecta a persistência de comunidades com baixo grau de influência da cultura modernizante ou globalizadora:

No espaço da cultura histórico-territorial, ou seja, do conjunto de saberes, hábitos e experiências étnicas ou regionais que continuam se reproduzindo segundo os perfis estabelecidos através dos séculos, os efeitos da globalização são menores. O patrimônio histórico, a produção artística e folclórica e, em algumas zonas, a cultura rural experimentam uma abertura econômica limitada, porque nelas o rendimento dos investimentos é menor e a inércia simbólica é mais prolongada (CANCLINI, 2008, p. 137).

Assim, os valores e a cultura local cultivados em *Virgin River* parecem imutáveis, tradicionais e universais. Mas a cidade também tem problemas de ordem global, como o tráfico de drogas. Os personagens mais conservadores, como Connie, não

são condenados por seus pares, que também não se rendem a sua visão de mundo. Ainda que Mel e Jack sejam os protagonistas vindos de fora do vilarejo, suas trajetórias se desenvolvem tendo a influência dos habitantes, dos costumes e da visão de mundo locais. Há, portanto, uma integração harmônica, mas também uma persistência e uma valorização de tudo o que é considerado local ou típico do vilarejo.

### **Considerações finais**

*Virgin River* é um bom exemplar da representação pela cultura midiática de uma identidade interiorana ao mesmo tempo tradicional e moderna. A série mantém os conflitos típicos do melodrama, mas inova ao propor uma ambientação e uma série de valores associados ao local como caminhos para a solução ou, ao menos, o entendimento desses conflitos.

A questão identitária não é abordada na série a partir de uma visão sobre “nós” (comunidade local) e “os outros” (pessoas vindas de fora do vilarejo). Ou seja, a identidade não é definida a partir da diferença, mas nem por isso deixa de ser bem retratada e de mostrar suas especificidades. Para que os valores associados ao local sejam defendidos, não é preciso que valores opostos sejam relacionados às grandes cidades.

Assim, a integração e identificação dos protagonistas com o cotidiano e com os valores locais representam, a partir de uma perspectiva diferente das retratadas em outras obras de ficção seriada, a ideia de uma identidade em constante formação, aberta e suscetível a diversos conflitos, conforme defendem os representantes dos Estudos Culturais.

Concluimos que há na série da Netflix, sem dúvida, uma priorização da cultura interiorana, que é retratada de maneira valorativa como parte importante e representativa da multiplicidade cultural, e não de maneira pejorativa ou superficial. No entanto, isto não significa dizer que a obra de ficção seriada aqui analisada renega uma tendência de valorização metropolitana ou tende a depreciar os grandes centros. Há, neste sentido, uma interação entre a metrópole e o interior, em que se verifica um processo colaborativo: a comunidade de *Virgin River* precisa de Mel e Mel precisa do apoio das pessoas e da cultura local para reconstruir sua vida depois de uma tragédia.

Por fim, vale lembrar que um desafio enfrentado na concepção deste artigo foi o de desenvolver um trabalho sobre ficção seriada focada na ambientação interiorana.

---

Há uma escassez de materiais de pesquisa a respeito desta temática. Muitas vezes, os estudos de obras com esse tipo de ambientação, voltam-se para outras análises, e não para a cultura e os valores interioranos em si.

Assim, é importante manifestar o desejo e a esperança de que futuramente haja um maior interesse na pesquisa sobre as obras ambientadas em pequenas cidades ou vilarejos, já que, segundo Williams (2011), a própria construção das cidades é uma realização das sociedades interioranas.

### **Referências Bibliográficas**

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: Tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2007.

CANCLINI, Néstor García. **A Globalização Imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2007.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e Cidadãos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru: Edusc, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.